



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ESCRITA DIDÁTICA DA HISTÓRIA E TEMPO PRESENTE: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL (1991-2011)

Assis Daniel Gomes*

Jane Semeão (Orientador)**

1

Em nossa proposta de pesquisa procuramos discutir a incorporação do “tempo presente” na escrita didática da história. Para tanto, analisamos livros didáticos produzidos no Brasil para o ensino médio entre os anos 1991 a 2011. Sabemos que a entrada de acontecimentos próximos à experiência dos alunos caracteriza esse artefato desde o século XIX, compondo o denominado período Contemporâneo.

No Brasil, os anos 1980 representam uma baliza cronológica importante quando falamos de renovação historiográfica e do ensino de história. Fatores internos (como a redemocratização do país) e de caráter internacional (o fenômeno do neoliberalismo e da globalização, por exemplo), a incorporação de novos temas, abordagens e objetos pela historiografia nacional e o desenvolvimento de pesquisas com foco no ensino-aprendizagem da história, dentre outros, explicam tal renovação.

* Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Bolsista PIBIC-URCA. Contato: historiaassis47@yahoo.com.

** Professora Mestre do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). O artigo que ora apresentamos é fruto da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC-URCA) intitulada “Escrita didática da História e Tempo Presente: uma análise dos livros didáticos do ensino médio no Brasil (1991-2011)” que está em sua fase inicial. Contato: janesemeao@globo.com.

No que se refere à discussão sobre a história do tempo presente, a criação do Institut d'Histoire du Temps Present na França no final da década de 1970 representou marco importante para a constituição desse campo de investigação histórica. Nessa instituição, historiadores discutiram métodos e formas de lidar com as novas fontes e possibilidades de historicização do “recente”. Questões do tipo “Como lidar com fatos tão recentes e ainda presentes na vida do historiador? Quais os cuidados para não cair em um presentismo?”, fizeram parte das preocupações de seus fundadores e colaboradores.

No Brasil a discussão ganha fôlego a partir dos anos 1990. Não à toa chegam ao país nesse período publicações que, podemos afirmar, contribuíram significativamente para alimentar interesses que despontavam sobre a temática. São elas: *Questões para a história do presente*, organizado por Chauveau e Tétard (1999); *Sobre História* (1998) e *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*(1995), de E. Hobsbawm; *Por uma nova história política* (1996), de René Rémond.

Tendo por referência esse contexto, o quê do tempo presente tem sido incorporado aos livros didáticos do ensino médio? Como se dá essa incorporação a partir dos pressupostos teóricos, metodológicos e de função da ciência história? Essas são as perguntas que motivaram a proposta de nossa pesquisa de iniciação científica, ainda em fase inicial.

Levando em consideração que quando apresentada no encontro essa investigação estava em seu início, elegemos a coleção *História*, destinada ao ensino médio e organizada pelo historiador Ronaldo Vainfas, para análise. Publicada em 2010 e integrando História Geral e do Brasil, a obra, que tem como autores docentes da Universidade Federal Fluminense, está organizada em três volumes e segue a tradicional divisão quadripartite da história, a saber: história antiga, medieval, moderna e contemporânea.

A escolha por trabalhar com essa coleção relaciona-se, portanto, à ação desses profissionais na produção científica do país no campo do conhecimento histórico e sua importância dentro desse meio acadêmico. Como esses intelectuais, que ocupam esse *lugar social*, conseguiram colocar as discussões relacionadas ao tempo presente em sua escrita didática? Como foi incorporada o *Tempo Presente* nesses livros didáticos?

Para esse artigo, especificamente, mapeamos a incorporação do tempo presente na obra seguindo os seguintes passos: 1- Verificamos o espaço ocupado pelo “Contemporâneo”; 2- Quantificamos as expectativas de aprendizagem referentes ao tempo presente a partir das balizas: Pós-Segunda Guerra e Queda do Muro de Berlim (fim do Socialismo Real); 3- Identificamos a natureza da história do tempo presente.

ESPAÇOS OCUPADOS PELO CONTEMPORÂNEO E TEMPO PRESENTE

Essa coleção foi elaborada a partir dos propósitos divulgados e normatizados pelo PNLD de 2009, incorporando em seu texto as questões propostas para o currículo do ensino médio divulgadas no ano anterior à sua publicação. Entre elas “um programa de ensino médio inovador” que teria como base modelos pedagógicos que levem em conta a realidade sócio-cultural do aluno, a necessidade de se efetivar nas escolas os chamados “currículos flexíveis”, “A problemática étnica” (campo em que se faz menção à história africana e indígena), “Sexualidade e gênero” etc. Além disso, procuraram articular o micro com o macro, as transformações externas e internas como elementos fundamentais para se pensar as continuidades e discontinuidades dos processos históricos mundiais e os de ordem especificamente nacionais.

Os autores da coleção *História* optaram em sua escrita didática tanto pelos “recortes clássicos dos conteúdos” como por temáticas e abordagens frutos da chamada renovação historiográfica processada no Brasil a partir dos anos 1980. Mas como incorporam o tempo presente em sua escrita?

Iniciemos nossa análise pelo lugar do “Contemporâneo” na obra. O marco que delimita os acontecimentos contemporâneos, como ocorre tradicionalmente, está no “mais importante movimento revolucionário do mundo ocidental” (Livro II, 2010, p.25), a Revolução Francesa.

O mapeamento realizado para quantificarmos os conteúdos relativos a esse período da história, verificamos que o espaço por ele ocupado na coleção corresponde a 56% do total de expectativas de aprendizagem para toda a coleção. Como podemos observar no gráfico n. 1:

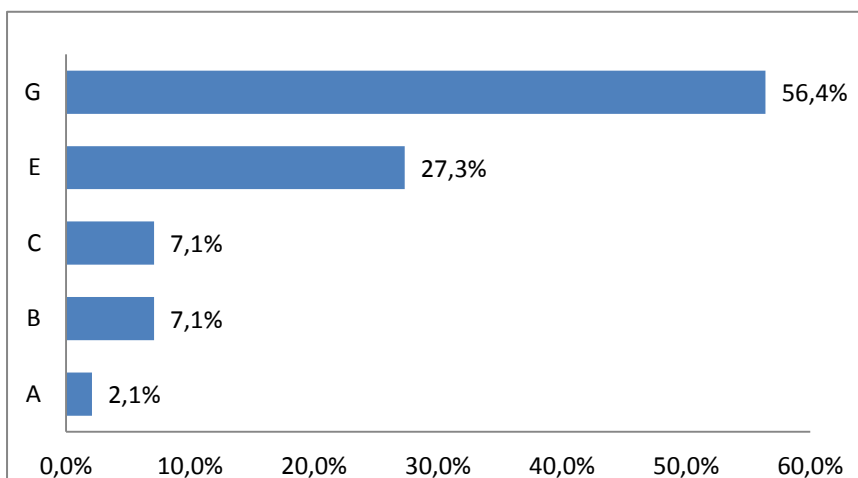


Gráfico 1: Os marcadores A, B, C, E e G representam, respectivamente: Pré-história, Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea.

Para essa temporalidade, como ocorre em relação aos outros períodos da história, são destacados nos textos principais os acontecimentos que tradicionalmente compõem e organizados a partir de uma narrativa marcadamente política. Na seção “Box”, presente em todos os capítulos e que tem por objetivo complementar ou realçar a matéria em estudo, encontramos textos que fogem dessa perspectiva ao destacarem aspectos do cotidiano e da cultura¹.

Citamos como exemplo o capítulo 16 do terceiro volume da coleção, denominado “O Brasil da democracia”, dividido em “transição democrática”, “a democracia resistiu”, “a era neoliberal” e o “retorno ao nacionalismo-estatismo”. Nele são trabalhados o fim da ditadura militar, a promulgação da constituição de 1988 e, conseqüentemente, a redemocratização do país e suas transformações político-econômicas². Temáticas ligadas à cultura (música, literatura e artes plásticas, por

¹ Os “Boxes” estão divididos em quatro tipos: “Mundo cruzado”, espaço dedicado ao estabelecimento de “paralelos entre a sociedade ou processo examinado no capítulo com outras sociedades ou processos na mesma época”; “Conversa de historiador”, destinado “a resumir a polêmica historiográfica ensejada por certos temas ou conceitos evocados nos capítulos [...]”; “Documento”, “dedicado à transcrição de fonte documental com o objetivo de desenvolver a análise crítica do aluno na construção do conhecimento histórico”; “Outra dimensão”, dividida em seis subtipos (cotidiano, cultura, cultura material, economia, resistência e personagem), que complementa a “temática central do capítulo com informações paralelas ao conteúdo” ou aprofunda “com mais destaque um assunto mencionado no texto” (Manual do Professor, vol.3, p.22 e 23).

² Mudanças na política brasileira com o fim da ditadura militar; eleições governamentais; transformações advindas com o governo Collor e o fracasso de seu plano econômico; FHC e o plano real; o fortalecimento do neoliberalismo; as privatizações feitas no governo de Fernando Henrique

exemplo) e cotidiano ganham espaço nos boxes complementares, como mencionado anteriormente.

Predominantemente, portanto, os eventos que se destacam na escrita didática desses historiadores são os de teor político, econômico e social, sendo raros capítulos como “Entre o romantismo e a Belle Époque”, em que são abordados a literatura do século XIX, as artes plásticas, as práticas de leitura, os comportamentos e hábitos burgueses (civildade), as “transformações nos sentimentos e ritos de morte”, o espaço público versus espaço privado etc (Vol.2, p.345-365).

Quanto aos espaços territoriais da história contemporânea, há uma integração entre Europa, Ásia, África, América e Brasil. No capítulo intitulado “O terceiro Mundo: África e Ásia”, por exemplo, é discutido “como diversos povos da África e da Ásia lutaram contra o domínio dos países europeus e conquistaram a independência” (Cap. 11, vol.3, p.251). Levando essa particularidade em consideração, obtivemos o seguinte panorama:

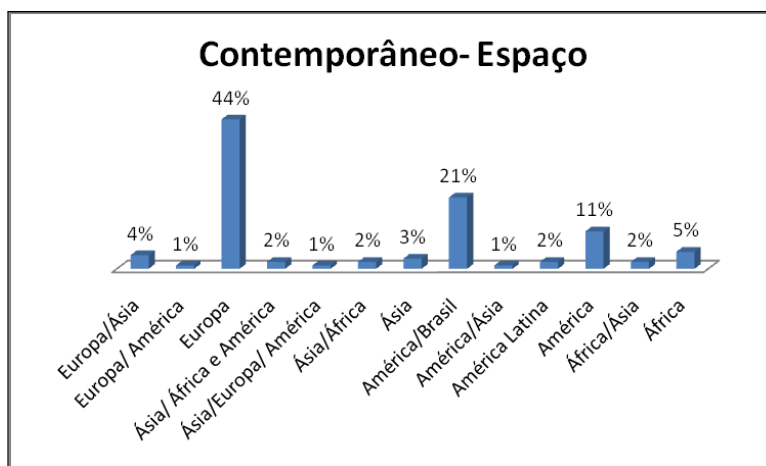


Gráfico 2: mapeamento estatístico dos espaços temporais do Contemporâneo e as espacialidades enfatizadas na escrita didática da história dos autores na coleção: História.

No gráfico n.2 verificamos que em relação à quantidade de matérias sobre o contemporâneo contida na coleção destaca-se a Europa, possuidora de 44% do montante de 282 expectativas de aprendizagem para esse período e, em segundo lugar,

Cardoso; a política econômica de Luis Inacio Lula da Silva e a crise enfrentada em seu governo (o “mensalão”) etc.

América/Brasil com 21%. Destacamos que em relação à história do Brasil, seus conteúdos ganham maior espaço com a proclamação de sua independência (1822).

Analisarmos o espaço ocupado pelo contemporâneo na coleção foi importante para nossa investigação na medida em que, por seguir a clássica periodização da história na organização da coleção, o tempo presente está concentrado, majoritariamente, no final do segundo e em todo o terceiro volume.

No que diz respeito a essa temporalidade histórica, a segunda observação é a de que para o Brasil os autores delimitam como marco inaugurador do tempo presente o fim da ditadura militar. Nas observações feitas no manual do professor para a última unidade do terceiro livro, denominada “Rumo ao novo milênio”³, os autores da coleção observam que:

O foco desta unidade são as mudanças que ocorreram em diversas sociedades: no mundo socialista, o chamado “reformismo comunista”; na Europa e nos Estados Unidos, o movimento da contracultura e a revolução técnico-científica. Em período mais recente, a preocupação é com o conjunto formado por três grandes processos: o colapso da união soviética, a ascensão do neoliberalismo e o movimento da globalização. Um capítulo sobre a história do tempo presente brasileiro integra a unidade (Manual do Professor, 2010, vol.3, p.30, grifos nossos).

6

Todavia, eles não demarcam qual seria a baliza cronológica do tempo presente para a “História Geral”. Apesar de pressupormos, seguindo alguns indícios na obra, que seja o fim do socialismo real (queda do muro de Berlim), utilizamos duas balizas para analisarmos o espaço ocupado pela história do presente na coleção: o pós-segunda guerra e 1989.

Se tomarmos a primeira como marco inaugurador do tempo presente, verificamos que ela ocupa 28,16% do total de expectativas de aprendizagem dentro do período contemporâneo. No entanto, se consideramos a queda do Muro de Berlim como referência temporal para a história do presente, constatamos que são 6,32% do espaço ocupado. Para melhor visualização desses dados, observemos o gráfico 3:

³ Essa unidade agrupa 4 capítulos: 15: Tempos de crise; 16: O Brasil da Democracia; 17: O colapso do comunismo; 18: O novo século (p.7, vol.3).

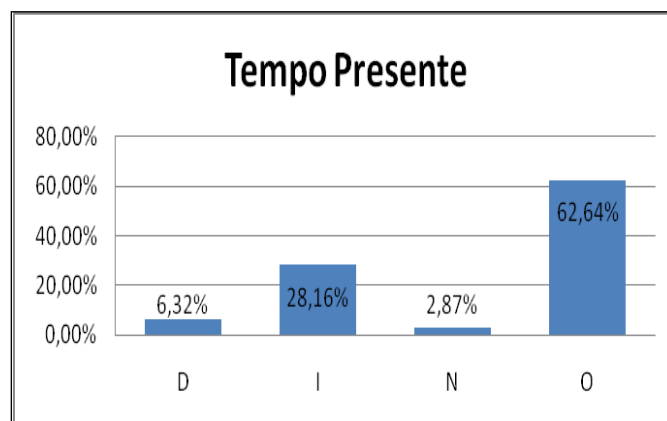


Gráfico 3: D- 1989 (Queda do muro de Berlim); I - 1945 (pós-segunda Guerra); N-não pertence a nenhuma das temporalidades; O- 1789 (Revolução Francesa).

Verificamos, portanto, que em termos numéricos o tempo presente ocupa espaço significativo na coleção, superando até mesmo alguns dos clássicos períodos da história (ver gráfico n.1). Interessante observarmos, pois, a preocupação expressa em explorar uma quantidade maior de conhecimentos e habilidades referente à história do presente, atribuindo-lhe grande importância para a formação histórica dos alunos.

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na coleção *História* organizada por Ronaldo Vainfas, procuramos identificar o espaço ocupado pela “história do tempo presente” como primeiro exercício para desenvolvermos o objetivo de nosso projeto de iniciação científica de analisar a incorporação e abordagem do tempo presente nos livros didáticos do ensino médio entre os anos 1991-2011.

Para os propósitos estabelecidos para esse artigo, percebemos então que o “Contemporâneo” é majoritário na coleção. Dentro da clássica quadripartição da história, esse período ocupa 56,4% da totalidade de expectativas de aprendizagem em toda a coleção superando, em conjunto, todas as outras periodizações. Nessa lógica, os acontecimentos que compõem essa temporalidade estão concentrados no final do segundo volume e em todo o terceiro livro.

Esse dado é revelador da importância que os acontecimentos e processos históricos desencadeados desde a Revolução Francesa até nosso presente exercem no ensino da história. E é como parte integrante desse período que encontramos, na obra analisada, a história do tempo presente.

Para o Brasil, os autores delimitam como seu marco inaugurador o fim da ditadura militar (1985). No entanto, não especificam qual seria o recorte cronológico para a história do presente em termos internacionais: o pós-guerra ou o fim do socialismo real (queda do muro de Berlim, 1989)? Outro aspecto observado é o de que, apesar de usada a expressão e anunciada sua baliza para a história do Brasil, não encontramos nenhuma discussão conceitual e justificativa para tal recorte cronológico.

Diante desse fato, optamos por trabalhar com os dois marcos para averiguarmos o lugar do tempo presente na coleção, integrando dessa forma a história do Brasil e a história geral. Assim, verificamos que se o pós-guerra for considerado matriz da história do presente esta se distribui em 28,16% do total de conhecimentos para o período contemporâneo. Por outro lado, se tomarmos a queda do muro de Berlim como referência cronológica constatamos, então, que são 6,32% do espaço ocupado.

Quanto à natureza da história do tempo presente, a ênfase recai sobre os acontecimentos de caráter político, econômico e social. Aspectos relativos à cultura e cotidiano ganham espaço apenas em alguns dos chamados boxes complementares ou em alguma atividade para aprofundar o conteúdo.

Vimos, portanto, que as discussões da historiografia sobre tempo presente enquanto campo de investigação histórica não são articuladas no material analisado. Apesar de indicada, ela não é decifrada conceitualmente para os alunos e professores, embora ocupe espaço significativo na coleção. Da forma como é organizada, arriscamos dizer, configura-se muito mais como sub-período do “Contemporâneo”.

FONTES

FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos; VAINFAS, Ronaldo. *História: das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas*. São Paulo: Saraiva, vol.1, 2010.

_____. *História: o longo século XIX*. São Paulo: Saraiva, vol.2, 2010.

_____. *História: o mundo por um fio: do século XX ao XXI*. São Paulo: Saraiva, vol.3, 2010.

_____. Manual do professor. In: *História: das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas*. São Paulo: Saraiva, vol.3, 2010, p. 01-96.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÓSTEGUI, Julio. *La historia vivida. Sobre la historia del presente*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

CHAUVEAU, Agnés; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. *O livro didático de História do Brasil: algumas questões*. In: CAD. Pesquisa. São Paulo(41), p.22-27, Maio, 1982.

FREITAS, Itamar. Visões sobre o contemporâneo e o tempo presente (I). Disponível em: <http://itamarfo.blogspot.com.br/2012/04/sentidos-de-historia-contemporanea-e.html>.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. In: *Cultura Vozes*. Petrópolis: Editora Vozes, v.94, nº 3, 2000, pp.111-124. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf>. Acesso em: 21/07/2008.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. O presente como história. In: _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>>. Acesso em: 18/04/2010.

_____. Tiempo y Patrimonio. In: *Cultural Diversity and Heritage/ Diversidad Cultural y patrimonio*. Museum International (UNESCO), n. 277, SEPT 2005, Quarterly Review, p. 4-15.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC-RJ/Contraponto, 2006.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: AMADO, Janaina; CHAUVEAU, Agnés; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. São Paulo: EDUSC, 1999, p.93-102.

RÉMOND, Réne. *Por uma história política* (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. (tradução por Valdei Araujo e Pedro S.P Caldas). In: *História da historiografia*. nº2, março, 2009, p.163-209.